

Release

Brincar e aprender duas faces da mesma moeda

Eliane Campelo - DRT n.264/TO

As pesquisadoras portuguesas Ana Sarmiento Coelho e Vera Maria do Vale escrevem sobre uma das práticas mais importantes e emblemáticas da infância humana - “o brincar”; e apontam que, aquilo que parecia ser um dado adquirido, como o “Direito de brincar”, tornou-se na sociedade atual uma necessidade emergente, guiada pela concepção neoliberal que vê nas crianças futuros adultos produtivos. O artigo “Reflexões em Torno o Brincar em Contextos de Educação de Infância” foi publicado na Revista Observatório Vol. 3 N.6 e traz algumas linhas de pesquisa que têm sido desenvolvidas por diversos autores sobre esse fenômeno intrinsecamente espontâneo e imprevisível que é o brincar ou *play ethos* colocando em contraponto os discursos vigentes e o seu compromisso nas práticas dos educadores de infância.

O brincar se tornou ao longo dos séculos um aspecto dominante das pedagogias ocidentais e europeias, dizem as pesquisadoras e, aclaram que “a valorização do desenvolvimento espontâneo da criança e a imagem da criança como naturalmente boa conferiram estatuto educacional ao brincar, através da sua valorização nos contextos de educação de infância, e nas próprias políticas, estabelecendo um *play ethos*. Porém, destaca a pesquisa, esta visão ocidental acerca da importância do brincar não corresponde a uma evolução da criança, de forma isenta de tensões e contradições.

As atividades com as crianças da educação infantil, aponta a pesquisa, passam a ter foco nos resultados e a promover a precocidade e o desenvolvimento de competências competitivas futuras. Termos e metodologias referentes ao brincar “improdutivo”, aos espaços organizados para as crianças, à individualização do desenvolvimento, à divisão das atividades em “tempos”/rotinas dentre outras definições são abordadas no trabalho de Ana Sarmiento Coelho e Vera Maria do Vale que destacam ainda o fato das preocupações dos adultos com a segurança “limitarem o acesso das crianças a espaços abertos onde o brincar ativo e criativo, com parceiros de diferentes idades seria possível, esse controle exercido pelos adultos promove atividades de brincar mais sedentárias e menos saudáveis” dizem as estudiosas.

O brincar é um fenômeno multifacetado presente em todas as sociedades porém, com uma diversidade de tipos que, apresentam variações de uma sociedade para outra. Estas variações decorrem das atitudes relativas à natureza da infância e ao valor do brincar em cada uma dessas culturas. Estudos antropológicos evidenciaram os cinco tipos de brincar em que as crianças se envolvem mais frequentemente em qualquer sociedade, são eles, o brincar “físico, com objetos, simbólico, sócio-dramático e com regras”.

As autoras trazem no texto apontamentos de estudos sobre a relação entre o brincar e o desenvolvimento. “Estas abordagens têm apoiado a reconceitualização do brincar como fenômeno e como contexto intrinsecamente relacional e comunicacional, desafiando a repensar o papel dos adultos e simultaneamente valorizando a indagação das suas perspectivas, bem como das próprias crianças, na desconstrução dos discursos dominantes acerca do brincar”. O brincar assume então um papel central nas abordagens pedagógicas e nos currículos constituindo-se como um elemento central das práticas em educação de infância.

Encarando o brincar como um ato expressivo e espontâneo da criança, as pesquisadoras clarificam as teorias existentes e as linhas metodológicas adotadas nos centros de educação infantis, principalmente o pensamento norte-americano, e destacam que o brincar é fundamental para que a criança alcance o conhecimento de si e do mundo, sendo que, este brincar como forma de expressão difere do “brincar didático” denotador de “uma concepção hegemônica do brincar na literatura científica” (p. 23), que estreita a temática do brincar e do brinquedo a um olhar ‘uniforme’, ‘obediente’, ‘que espera resultados’.

O artigo traz a necessidade de “pensar sobre os modos, as finalidades e o estatuto do brincar em contextos de educação de infância, avançando sobre a mera retórica e uma inconsequente idealização, obriga pois a centrar a discussão nos sentidos e não nos resultados, re-instituindo na discussão as dimensões comunicacionais, interativas e culturais que lhe são inerentes”.

Como citar a pesquisa

COELHO, Ana Sarmento; VALE, Vera Maria do. REFLEXÕES EM TORNO DO BRINCAR EM CONTEXTOS DE EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA. **Revista Observatório**, Palmas, v. 3, n. 6, p. 316-337, out. 2017. ISSN 2447-4266. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/4248>>. Acesso em: (data do acesso). doi: <https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n6p316>.